

Jornalismo Científico e as Sensacionais Notícias da Superinteressante¹

Higo da Silva Lima²

José Francisco dos Passos Júnior³

Faculdade Estácio – Fatern, Natal, RN.

Resumo

Vários fatores permeiam a cobertura de jornalismo científico, dentre eles: de um lado, os cientistas que temem a vulgaridade de suas pesquisas; no outro pólo, o profissional da comunicação assolado pela vaidade dos pesquisadores. A linguagem, de ambos os atores desse processo, talvez seja o fator que melhor ilustre os empecilhos de uma cobertura em Ciência e & Tecnologia. Tomando como norte esse prisma - a linguagem - este trabalho se debruça sobre uma análise mais minuciosa no sensacionalismo da cobertura científica proposto pela Revista Superinteressante, tomando como objeto a sessão Manual.

Palavras-chave: C&T; Superinteressante; Sensacionalismo.

Introdução

Os meios de comunicação de massa são o principal instrumento pelo qual as pessoas têm acesso à informação. E obter informação é, sem dúvida, um dos maiores anseios dessa sociedade, que deseja saber o que acontece ao seu redor, como forma de se preparar para enfrentar problemas e participar de discussões e decisões a respeito de tudo o que a envolve.

A economia, a política, o esporte e a cultura são amplamente difundidos e divulgados nos meios de comunicação, especialmente os de cunho jornalístico. Ao buscarem informações, as pessoas costumam ater aos jornais e revistas, sejam televisivos, impressos ou radiodifundidos, por atribuírem a estes a legitimidade da veracidade, comprovação das informações, confiabilidade e outros critérios que advêm dos métodos e técnicas utilizados pelos profissionais dessa área.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Especialista em Estratégias de Comunicação e Redes Sociais na Estácio – FATERN, email: higolima@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Jornalista assessor de comunicação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), email: passosjr@ufersa.edu.br.

A divulgação tem como princípio fundamental informar a população sobre determinado assunto, a partir da checagem de informações junto às fontes, posteriormente transformadas em notícias. Nas editorias supracitadas, é comum encontrarmos textos que trazem questionamentos, confronto de ideias e até investigações jornalísticas que derrubam informações oferecidas pelas principais fontes do assunto. Isso aproxima o leitor das questões abordadas, permitindo-lhe a capacidade de reflexão sobre o tema para uma posterior tomada de posição.

Algo diferente ocorre com os profissionais que trabalham com divulgação da Ciência & Tecnologia – ou, simplesmente C&T, como preferem a maioria dos pesquisadores e escritores da área. A sociedade precisa conhecer ciência como precisa conhecer política, economia, cultura e o cotidiano a que está submetida.

O acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. (OLIVEIRA, 2002, p. 13).

Apesar de ter ganhado espaço considerável nas últimas décadas, a divulgação científica no Brasil ainda é pequena. E muitas vezes, o tratamento das informações pelos jornalistas é baseado na reprodução literal do que as fontes oficiais declaram. O leitor não é instigado a questionar a ciência porque os jornais geralmente a colocam como uma instituição superior e inquestionável, deixando de lado o principal fundamento de sua atividade: a investigação.

Isso talvez se justifique pela, ainda, baixa procura da sociedade por assuntos relacionados à C&T. De acordo com a quarta edição da pesquisa sobre “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”⁴, divulgada em julho de 2015, pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), entidade mantida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), os temas que mais atraem a atenção da população são Medicina e Saúde, Meio Ambiente, Religião, Economia e somente em quinto lugar aparece C&T.

⁴ Esse estudo teve como objetivo principal fazer um levantamento do interesse, acesso à informação, conhecimento, bem como comportamentos, hábitos e atitudes dos brasileiros em relação à C&T, tendo como público-alvo a população brasileira adulta, homens e mulheres, e jovens com idade igual ou superior a 16 anos. A íntegra dos dados da pesquisa pode ser visto em <http://percepcaocti.cgee.org.br/>. Acessado em 24/07/2015.

Mesmo C&T não estando no topo do interesse, 78,1% da população exposta ao questionário defende o aumento de investimento no setor. E quando o questionamento busca sondar a fonte de acesso sobre o assunto, os livros continuam sendo a maior demanda com 78%; seguido de revistas com 35%, jornais com 32% e a internet com 30%.

Mas será que o jornalismo e a ciência são realmente atividades tão distintas? Para Oliveira (2002), isso não passa de um mito. Ela compara as duas atividades e mostra o quanto elas se aproximam.

Definir tema (assunto), elaborar hipóteses (pauta), coletar dados (entrevistas com as fontes), testar as hipóteses (checar as informações), priorizar os dados (hierarquia das informações), escrever o trabalho (matéria) e publicar são procedimentos que se aplicam tanto à pesquisa científica quanto ao jornalismo. Guardadas as devidas proporções, é claro. (OLIVEIRA, 2002, p. 47).

Neste trabalho, far-se-á uma análise da sessão Manual, da Revista Superinteressante, destacando o seu caráter sensacionalista quanto à forma como os assuntos relacionados à C&T são tratados. A escolha desta edição não foi aleatória. Ela foi selecionada por se tratar de um assunto simples, do cotidiano, porém, tratado de forma excepcional.

O produto desta pesquisa poderá refletir acerca da maneira pela qual a comunicação pública da ciência contribui para a construção dos mitos científicos, haja vista a abordagem fantasiosa e sensacionalista de assuntos corriqueiros do cotidiano pela revista Superinteressante. Dessa forma, vale salutar que o resultado de toda e qualquer cobertura jornalística, seja em C& T ou em outra editoria, influi, direta ou indiretamente, na realidade da vida cotidiana.

A Linguagem Científica e a redação jornalística sobre ciência

O primeiro viés para analisarmos a cobertura jornalística em ciência e a relação entre os cientistas e jornalistas, levando em consideração as dificuldades de ambos os atores desse processo, é a linguagem. Essa constitui o elemento crucial do conflito existente entre os que buscam noticiar a ciência – o jornalista - e o receio maior daqueles que temem a trivialidade de sua pesquisa – os cientistas.

A relação da informação dos cientistas com a imprensa muitas vezes é demarcada pelo discurso ou prática comunicacional adotada por cada um dos lados, servindo como forma de demarcação das fronteiras que permeiam cada extremidade. Para explanarmos essa relação bilateral entre os cientistas e os jornalistas, iremos nos valer do estudo de Issac Epstein (1998), em *Comunicação da Ciência*, quando este conceitua e divide as práticas comunicacionais que especificam e caracterizam a redação de cada lado.

Para nos prendermos à análise do discurso empregado pelos cientistas, bem como pelos jornalistas, começaremos pelo que disse o estudioso Wittgenstein (apud EPSTEIN, 1998, p. 65) “(...) falar uma linguagem é parte de uma atividade ou uma forma de vida”. Para tanto, sabe-se que os idioletos empregados por cada uma das partes desse “jogo” nada mais é do que reflexo da atividade e postura que cada ofício exige de seus atores.

Entender o prisma que tange a relação mediada pela linguagem e as práticas de comunicação adotadas pelos cientistas e jornalistas, ajuda a explicar a distância que existe entre essas categorias, que como denuncia Epstein,

Muitos cientistas desconfiam dos jornalistas e criticam suas reportagens por infidelidade, simplificação exagerada ou eventual sensacionalismo. Os próprios jornalistas criticam, muitas vezes, a maneira pela qual a ciência é apresentada pela mídia. (EPSTEIN, 1998, p.60).

A demarcação das práticas de discurso adotadas a fim de divulgar a informação de cunho científico, Epstein a dividiu em duas categorias. Fora constatado pelo autor que na primeira fase a relação se restringe aos próprios cientistas, e se dá por meio de congressos, publicações de artigos etc. Na prática lingüística adotada pela classe científica é muito comum o uso de jargões, de termos altamente técnicos, uma linguagem unívoca, direta, sem uso de recursos retóricos. Estes pontos, destacados pelo pesquisador, torna a disseminação das informações científica mais seletiva, deixando de lado o público leigo, uma vez que para uma leitura fluente dos textos que teçam sobre as pesquisas e estudos dos cientistas é necessário um intenso conhecimento do assunto ao qual está sendo tratado. Do contrário, o legítimo entendimento dos textos científicos acaba ficando no nicho da classe científica.

Já para justificar e explicar a situação no âmbito dos jornalistas pode ser constatado pelos estudos de Epstein que a linguagem da imprensa é dotada de pontos que tendem ao sensacionalismo, ponto que nos concentraremos para esta análise, procurando sempre se

valer de mecanismo de persuasão. Estes recursos, na grande maioria dos casos, é o que faz da linguagem jornalista ser mais compreensiva pela grande massa, uma vez que é ao grande público que seus textos são destinados.

Este hiato existente entre cientistas e jornalistas, como diz Epstein pode ser entendido como:

[...] jogadores jogando jogos diferentes (Gitilin, 1980). [...] Os cientistas valorizam ou deveriam valorizar mais a precisão na confirmação de seus resultados do que a pressa. A menor exatidão dos jornalistas pode, pelo menos em parte, ser atribuída ao seu emprego de linguagem natural ao invés de um código específico de uma especialidade. (EPSTEIN, 1998, p. 66).

A explicação e justificativa para a existência desta lacuna no entrosamento entre atores científicos e da mídia pode encontrar explicação no fato de ambas as classes terem objetivos distintos diante de seu empirismo. O cientista, com o seu objeto de estudo, em boa parte dos casos está preso única e exclusivamente a sua pesquisa, assim, acaba sempre dialogando com outros cientistas, deixando em segundo plano uma, mesmo que por ventura, divulgação de seu trabalho.

Já para o jornalista o que lhe importa é, como explica Pena (2005 p.109), “[...] a alfabetização científica, a transmissão de valores, o fortalecimento da cultura nacional, a educação objetiva, criativa e participativa. O jornalismo científico deve ser claro e eliminar a aridez do assunto que trata”.

Assim, os mesmos idioletos que caracterizam e delimitam cada uma das duas esferas também é responsável pela relação distante que há. De um lado, a ciência que não se permite ser decifrada, muitas vezes por insegurança; do outro há uma batalha, ou totalmente o contrário, uma rejeição, dos jornalistas em tentar decodificar a ciência, para temor dos cientistas.

Com a existência de um conflito que coloca à margem os cientistas versus jornalistas, uma pergunta torna-se pertinente a análise desta temática: afinal, se cientistas vivem soberanamente, contemplando as suas pesquisas como verdades absolutas, e jornalistas persistem na mediocridade de difundir esforços científicos com formas sensacionalistas e simplistas, qual é o objetivo do jornalismo científico?

Parafraseando Melo (2006), o ofício jornalístico no prisma da ciência deve ser uma atividade educativa, direcionada à massa, promovendo sempre a popularização do conhecimento acadêmico e dos centros de pesquisas. Ele afirma ainda que “deve gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando o interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens” (MELO, 2006, p. 118).

Comungando da afirmativa do teórico, citada acima, o ideal seria que as notícias informassem mais, entretivessem e, em certos casos, até se posicionassem – defendendo um ponto de vista. Fazendo tudo isso sem sensacionalismo e sem encantamento exagerado com as maravilhas que a ciência e a tecnologia prometem. (BOAS, 2005, p. 23).

Em suma, o que se pode concluir da obra de Epstein é que existe, de fato, uma enorme distância entre as fontes das informações científicas - o cientista, e aqueles que deveriam ser os atores de disseminação da informação científica - os jornalistas. Embora a lacuna decorrente da existência dos dois processos comunicacionais “não ocorrem em espaços distintos e estanques, mas se interpenetram, formando um contínuo através dos quais se distribuem os suportes das mensagens” (EPSTEIN, 1998, p. 64), deve-se reverter este cenário o mais rápido possível, pois, encadeando-se pela reflexão de Ritton in Pena (2005, p. 117) “o jornalismo científico de qualidade é, acima de tudo, uma atividade estreitamente humana, com implicações diretas no cotidiano socioeconômico e político de um país”.

Vendem-se notícias sensacionais

Para iniciarmos nossa análise da sessão Manual da revista Superinteressante, primeiramente é preciso fazer uma pesquisa história sobre o sensacionalismo, pois essa maneira jornalística de expor os fatos está intrinsecamente ligada ao nosso objeto de estudo.

Para respaldar nossa discussão, é preciso conhecer o que é o sensacionalismo, quais os impactos que ele provoca e o porquê de, na maioria das vezes, a maioria dos veículos jornalísticos (jornais, rádio, revistas, etc) que abordam a notícia estão fadados ao insucesso, apesar da aparente “comercialidade dos fatos”. De acordo com Marcondes Filho (apud Agrimani Sobrinho, 1995) ele faz a seguinte definição sobre o sensacionalismo e quais os efeitos causados aos que recebem alguma determinada notícia.

O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva, apelativa e enaltece. Fabrica uma nova notícia que a partir daí a se vender por se mesma. (A imprensa sensacionalista) não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas, caluniadoras e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista serve mais para desviar o público de sua realidade do que para voltar-se a ela. (MARCONDES apud Agrimani Sobrinho, 1995, pg. 15).

Um dos motivos que podem justificar essa afirmação corrobora com outros autores e pesquisadores do jornalismo que veem o sensacional como uma inversão de valores, ou seja, para os meios de comunicação que trabalham dessa maneira, na grande maioria das vezes, a relevância da informação é perdida ou esquecida, sendo superada pela emoção causada no receptor.

Dessa maneira muitos fatos que não teriam tanta relevância, acabam sendo muito explorados através de um jogo de palavras ou frases de efeito, dando assim dimensão desejada a notícia. Esse tipo de abordagem muitas vezes provoca outro problema. O próprio profissional passa a sofrer com isso, pois com o tempo a ética e o profissionalismo começam a ser questionados. O fato de sempre noticiar algo, escandaloso, polêmico, miraculoso, sensacional acaba afetando a credibilidade do jornalista e do veículo de comunicação, pois em diversas vezes esses veículos inventam notícias e isso acontece de tal forma que o leitor consegue perceber o que pode ocasionar a perda de interesse pelo mesmo.

Partindo para análise propriamente dita, a sessão Manual da revista Superinteressante, edição 275, de fevereiro de 2010, “agarrada” aos constantes acidentes aéreos que ganhou relevantes espaços na mídia no ano anterior, trouxe vários conselhos para os passageiros de avião. Intitulada de “Como escolher o assento no avião”, a jornalista Cristina Luckner explica através de dicas algumas maneiras para evitar problemas dentro da aeronave.

Segundo a SUPER, a primeira fileira foi eleita como o melhor lugar do avião, pois não existem cadeiras na frente que diminuam o espaço, como também dá a chance de sair primeiro do avião. Porém esses lugares são reservados para crianças e passageiros com necessidades especiais. O texto jornalístico escrito na revista traz “fórmulas rápidas” de se sentir bem durante os voos. Isso, por si, expor temas banais num veículo de característica científica, classifica-se como sensacional.

Estendendo o debate, também podemos questionar o porquê que a população tem tanto interesse nesse tipo de notícia? Porque que existe uma grande atração por parte dos leitores dos veículos sensacionalista? Porque que sempre é algo vendável? Seria intrínseco da humanidade, ou uma construção imposta pela mídia ao longo da história?

Existem grandes defensores que a curiosidade mórbida seria próprio da do ser humano. Esse tipo de curiosidade seria um enorme interesse por temáticas relacionadas com a morte. Uma das principais bases do sensacionalismo é a morte. E principalmente as trágicas. Num veículo que utiliza esse tipo de jornalismo, esse tema sempre terá mais atenção do que uma nova dívida externa adquirida pela nação brasileira, que causará uma redução no salário do trabalhador e o aumento das horas de trabalho. Esse exemplo que certamente seria capa, além de outros inúmeros desdobramentos na grande maioria dos jornais do país e do mundo, se tornaria secundário diante do acidente da carroça do senhor “Damião do Jegue” e o carro de Antônio Carlos, pois “Seu Damião foi atropelado e seu corpo ficou estendido na avenida”.

Portando a dimensão sensacional tende a dar uma importância exagerada a temas que não merecem tanto destaque, tornar o comum em escândalo ou tragédia. Seguindo a análise, a SUPER através de um cálculo também afirmou que a metade do avião é o lugar com mais espaço para as pernas. Segundo a revista a saída de emergência no local proporciona uma média de 23% a mais de espaço do que nas outras poltronas.

Outro destaque dado pela revista cita qual o lugar mais seguro de se voar. De acordo com a SUPER os assentos do fundo do avião tem maior probabilidade de escapar caso aconteça algum acidente. 69% de chance sobreviver para os que sentam na parte de trás da aeronave, enquanto que essa chance cai para 49% para aqueles que estiverem à frente do avião.

Dessa forma a Superinteressante pretende alcançar um novo público. Com um jornalismo totalmente específico, voltado para o interesse científico a revista deixaria de agradar ao público que, direta ou exclusivamente, não tem interesse pelo mundo científico. A sessão Manual usa de artifícios científicos (estudos, pesquisas, cálculos, etc), no entanto a temática escolhida foge ao padrão da cientificidade. Os temas banais, como esse que expomos, atende a um novo padrão de leitor, que se interessa por algo que possa estar mais próximo de sua realidade. O sensacionalismo preenche muito bem esse espaço, dada a essa

curiosidade humana e forma sensacional de colocar os fatos, a revista alcança o público, conseqüentemente passa a ter um novo referencial de não mais apenas publicar pesquisas científica, mas de trazer assuntos que tenham um alcance mais generalista.

Considerações

O espaço dado pelos veículos de comunicação à atuação de jornalistas científicos está cada vez mais disperso e superficial. Segundo Ritton in Pena (2005, p.110), hoje em dia, na prática todo mundo faz de tudo. O tema envolvendo saúde é um dos assuntos mais recorrentes na área do C&T, assim como a astronomia e o meio ambiente. Por serem campos de interesse do público e de estarem sempre sendo explorados pela mídia, ambos devem ser tratado com cuidado, o que nem sempre ocorre. Ritton justifica que isso acontece devido o grande volume de informações que chegam às redações diariamente, exigindo pouco esforço editorial.

O jornalismo científico tem como proposta suscitar cultura e ampliar conhecimentos. É papel fundamental do jornalista científico, abordar assuntos diversos, não só na C&T:

[...] o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de C&T, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato, ou acontecimento de interesse jornalístico. [...] A ciência ajuda a entender os fenômenos sociais e a interpretar as causas e conseqüências dos fatos de interesse jornalístico. (OLIVEIRA, 2002, p.47).

No entanto, na sessão da revista Superinteressante é perceptível a preocupação editorial em abordar um assunto do cotidiano, porém de interesse da sociedade de forma simplista, dando-lhe explicações científicas a fim de atrair a atenção e interesse do leitor para fatos que, muito provavelmente, passam despercebidos no dia-a-dia.

Referências bibliográficas

EPSTEIN, Isaac. **Comunicação da Ciência**. São Paulo em Perspectiva, v. 12, n. 4, p. 60-68, outubro/novembro. 1998.

GRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Comunicação).

PENA, Felipe (coord.). **Jornalismo**. Rio de Janeiro: Rio Sociedade Cultural, 2005. (Coleção 1000 perguntas).

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. Nova edição rev. e atualiz. São Paulo: Campus, 2001.

SUPERINTERESSANTE. **Como escolher o assento no avião**, São Paulo: Abril, fevereiro de 2010. Sessão Manual, p. 82.

VILAS BOAS, Sérgio (org.). **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.